

**PLANTAS ORNAMENTAIS E MÍSTICAS. I - UM ESTUDO
ETNOBOTÂNICO EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS, CUIABÁ, MATO GROSSO,
BRASIL**

Luzia Francisca de Souza¹
Germano Guarim Neto²

Resumo

Neste artigo apresentam-se dados etnobotânicos sobre as plantas catalogadas em duas comunidades ribeirinhas, São Gonçalo Beira-rio e Coxipó do Ouro, localizadas no município de Cuiabá, estado de Mato Grosso, Brasil. Trata-se de espécies utilizadas pelos moradores com finalidades ornamentais e místicas.

Palavras-chave: Etnobotânica. Comunidades humanas. Mato Grosso. Brasil.

Abstract

In this paper we present data on ethnobotanical plants classified in two coastal communities named São Gonçalo Beira-rio and Coxipó do Ouro, located in the city of Cuiabá, Mato Grosso, Brazil. The species are used by residents with ornamental and mystical purposes.

Key words: Ethnobotany. Human communities. Mato Grosso. Brasil.

Introdução

De acordo com Xolocotzi (1971), um estudo etnobotânico consiste em registrar, ordenar e publicar as informações a respeito da relação do ser humano com as plantas, bem como reunir cuidadosamente o material de propagação de interesse mediato ou imediato aos problemas da bioquímica, botânica e agronomia, introduzindo-o nos bancos de germoplasma, para que se mantenham sob modernas técnicas de conservação.

Camargo (1988) sugere que pesquisas etnobotânicas a respeito das plantas utilizadas em rituais sejam orientadas no sentido de que apresentem: em primeiro lugar, uma abordagem investigativa que conduza o conhecimento do valor simbólico das ervas no contexto geral das religiões de influência africana e em cada caso em particular, no qual elas desempenham funções específicas; e, em segundo lugar, uma investigação farmacobotânica das mesmas plantas em função dos princípios ativos, responsáveis pelos efeitos que causam àqueles que delas fazem uso, individual ou coletivamente. Para a autora, somente depois disso poderá ser feita uma análise dos

dados levantados a fim de se estabelecer um paralelo entre a função sacral simbólica das plantas e a ação delas em função de seus princípios ativos, visto serem também empregadas em curas.

Contribuições sobre o uso diversificado de plantas em Mato Grosso podem ser observadas nos trabalhos apresentados por Guarim Neto (1996), Amorozo (1999), Guarim Neto e Morais (2003), Pasa *et al.* (2005) e Santos e Guarim Neto (2005), nos quais aspectos relacionados às plantas ornamentais e místicas também aparecem e consubstanciam o etnconhecimento.

Nesse sentido, este trabalho fornece subsídios para uma melhor compreensão e interpretação do papel das plantas místicas utilizadas nas comunidades ribeirinhas de São Gonçalo Beira-rio e do Coxipó do Ouro, ambas pertencentes ao município de Cuiabá. Ressalte-se que espécies consideradas místicas apresentam, paralelamente, indicação de uso ornamental, conhecimentos esses distribuídos no tempo e no espaço e inseridos no contexto cultural das populações humanas ora estudadas.

Material e métodos

Esta pesquisa faz parte das atividades do Grupo de Pesquisas da Flora, Vegetação e Etnobotânica (FLOVET), coordenado pelo Prof. Dr. Germano Guarim Neto e credenciado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Por um período de dois anos, visitas periódicas foram realizadas às duas comunidades ribeirinhas - São Gonçalo Beira-rio e Coxipó do Ouro -, localizadas no município de Cuiabá, estado de Mato Grosso, Brasil, quando foram observados os usos e coletadas e catalogadas as espécies vegetais.

Para a realização da pesquisa de cunho qualitativo, foram utilizadas no campo técnicas de entrevistas abertas, ocasião em que os pesquisadores direcionavam o diálogo para o eixo central, o tema abordado. Posey (1987), Martin (1995) e Alexiades (1996) apontam ainda técnicas diferenciadas para a obtenção de dados em etnobotânica.

Os informantes - e parceiros da pesquisa -, moradores das comunidades, foram gradativamente sugeridos pelos próprios grupos locais (bola-de-neve) e, nos contatos iniciais, revelaram-se como depositários do saber popular tradicional sobre os vegetais. Eles indicaram as espécies representativas do objeto desta investigação e acompanharam o trabalho de coleta das plantas, em percursos de trilhas feitos com os mesmos nas áreas de abrangência das duas comunidades.

O material botânico coletado foi identificado no Laboratório de Botânica do Instituto de Biociências da Universidade Federal de Mato Grosso e depositado no Herbário dessa mesma Instituição.

Resultados

No Quadro 1 reúnem-se os resultados do estudo etnobotânico desenvolvido. Percebe-se o universo do etnoconhecimento que permeia o cotidiano das duas comunidades ribeirinhas focalizadas, revelando um saber botânico tradicional relativamente às plantas ornamentais e místicas e que passa de geração em geração. Trata-se de um saber local (GEERTZ, 2000) manifestado nos variados momentos da relação dos seres humanos com o ambiente, especialmente com referência às plantas que conhecem e dominam.

Dessa forma, as espécies vegetais apontadas compõem o repertório acumulado ao longo do tempo e do espaço, que são elementos fundamentais para a compreensão dos mecanismos que permeiam as comunidades humanas em um ambiente que manejam e conhecem com profundidade.

Quadro 1 - Relação das famílias, nomes populares e científicos das plantas, de acordo com os dados etnobotânicos registrados nas duas comunidades estudadas

Famílias	Nomes vulgares	Nomes científicos	Usos
Agavaceae	Pita	<i>Agave americana</i> L.	Ornamental: planta de coloração verde intensa
	Espada-de-São Jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort. ex Pain	Ornamental: com variedades na coloração das folhas, plantada na frente, nos quintais e no interior das residências. Místico: confere paz e proteção aos moradores da casa. Em criança muito peralta, “endeminhada”, costuma-se aplicar um banho feito com três folhas da planta. Protege contra feitiços.
	Espada-de-Ogum	<i>S. cylindrica</i> Bojer	Ornamental: planta com as folhas cilíndricas, coloração com listras verde-claras num fundo verde-escuro, bastante exótica. Místico: o mesmo atribuído à Espada de São Jorge.
	Espada-de-Santa Bárbara	<i>S. trifasciata</i> var. <i>hahnii</i> Hort	Ornamental: plantada em vasos ou nos quintais, esta espécie não ultrapassa a 60 cm de altura, porém prolifera bastante, sendo de fácil cultivo; folhas com margens amarelas. Místico: atribui-se a esta espécie a força de São Cosme e Damião, os protetores das crianças.
	Comigo-ninguém-pode	<i>Diffenbachia picta</i> (Lodd) Schott.	Ornamental: possui variedades, usada nas varandas e salas de visita das comunidades. Místico: colocada sempre à entrada das residências para

Areaceae	Acuri	<i>Attalea phalerata</i> Mart. ex Spreng.	afastar o mau olhado, a cobiça e as energias negativas. O banho das folhas “descarrega” e “fecha” o corpo contra os maus fluídos. Ornamental: uma das palmeiras mais apreciadas por sua beleza e pelos frutos. Místico: acredita-se que, se a planta produzir muitos frutos, será um ano de prosperidade para os moradores da residência.
	Coco-da-Bahia	<i>Cocos nucifera</i> L.	Ornamental: apreciada pela sombra que oferece e também pelos frutos comestíveis. Místico: não encontrado.
Bignoniaceae	Coité, cabaça	<i>Crescentia cujete</i> L.	Ornamental: possui grandes frutos arredondados; artesanal. Místico: não encontrado.
	Paratudo	<i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Burr.	Ornamental: nos meses de julho e agosto, esta espécie fica desprovida de folhagem e, então, cobre-se de lindos cachos de flores amarelas. Místico: não encontrado.
Boraginaceae	Louro-branco	<i>Cordia glabrata</i> L.	Ornamental: durante os meses de setembro, outubro e novembro, esta espécie subcaducifólia floresce. Místico: não encontrado.
Costaceae	Cana-de-macaco	<i>Costus spiralis</i> Rosc.	Ornamental: em razão das folhas sempre verdes e das belas inflorescências, é bastante cultivada nos quintais.

Cochlospermaceae		<i>Cochlospermum regium</i> (Mart & Shc.) Pilger	Místico: não encontrado. Ornamental: floresce em abril, maio, junho, julho e agosto. Suas flores em cachos amarelo-ouro são bastante vistosas.
Combretaceae	Sete-copas	<i>Terminalia cattapa</i> L.	Místico: não encontrado. Ornamental: devido à sua copa frondosa é bastante apreciada para sombra nos quintais.
Lamiaceae	Hortelã-do-campo	<i>Hyptis cana</i> Pohl.	Místico: não encontrado. Ornamental: não encontrado.
	Cordão-de-São Francisco	<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Brown	Místico: secam-se as folhas e prepara-se um defumador que, queimado no interior das casas, limpa maus fluídos e atrai boas energias. O banho das folhas “fecha o corpo” contra as energias negativas. Ornamental: planta espontânea, cultivada e apreciada por sua inflorescência exótica.
Leguminosae (Fabaceae)	Fedegoso	<i>Senna occidentalis</i> L.	Místico: não encontrado. Ornamental: não encontrado.
	Imburana	<i>Amburana cearensis</i> (Fr. All.) A. C. Smith	Místico: não encontrado. Ornamental: árvore que possui a parte externa da casca de coloração verde e que, durante os meses de abril, maio e junho, fica desprovida das folhas, cobrindo-se de flores róseas bastante odoríferas.
			Místico: não encontrado.

	Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L	Ornamental: árvore de bonita copa, sendo muito apreciada também pelos seus frutos. Místico: não encontrado.
	Cumbaru	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Ornamental: é apreciada por causa de sua característica perene e por ser frondosa. Místico: os brotos são usados para benzer os adultos contra o mau olhado e as crianças contra o quebranto.
	Ximbuva	<i>Enterolobium cotortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Ornamental: grande árvore caducifólia, cujos frutos assemelham-se a orelhas. Místico: não encontrado.
Lythraceae	Aricá	<i>Physocalimma scaberrimum</i> Pohl.	Ornamental: árvore mediana, caducifólia e durante os meses de julho, agosto e setembro reveste-se de flores violetas. Místico: não encontrado.
Meliaceae	Santa-Bárbara	<i>Melia azedarach</i> L	Ornamental: apresenta relativa beleza, folhas perenes e inflorescências em forma de cachos com flores roxas durante os meses de fevereiro, março e abril. Místico: plantada nos jardins das casas, traz sorte e proteção aos moradores. Colocando-se as flores em um perfume ou no banho, confere a quem usa sorte e poder para se conseguir o que deseja. Suas folhas jovens são usadas para benzer contra mau olhado e quebranto.
Phytolacacae	Guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Ornamental: não encontrado.

Polypodiaceae	Samambaia	<i>Polypodium sp.</i>	<p>Místico: protege a residência contra energias negativas, e o banho descarrega o corpo dos maus fluídos. Usa-se também o banho com sal grosso para lavar a casa, rezando-se o Pai Nosso, como um ritual, para espantar os maus espíritos.</p> <p>Ornamental: diferentes espécies deste gênero são encontradas em jardins, vasos e sobre palmeiras.</p> <p>Místico: não encontrado.</p>
Piperaceae	Jaborandi	<i>Ottonia corcovadensis</i> Miq.	<p>Ornamental: encontrada nos quintais. É um arbusto perene, com folhas sempre verdes.</p> <p>Místico: não encontrado.</p>
Rutaceae	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	<p>Místico: O patuá de três folhinhas da planta, levado sempre junto ao corpo, assim como o banho, traz sorte e espanta o mau olhado. Acredita-se que a arruda (dita macho) só floresce na Sexta-feira da Paixão à meia noite, e quem apanhar a flor, terá sorte e ficará rico. Com as folhas benzem-se as crianças e adultos contra o quebranto e o mau olhado.</p>
Solanaceae	Pimenta-de-cheiro	<i>Capsicum fastigatum</i> Blume	<p>Ornamental: apreciada pela coloração vermelha dos frutos.</p> <p>Místico: não encontrado.</p>
	Beladona	<i>Atropa beladona</i> L.	<p>Ornamental: as grandes flores deste arbusto tornam-no apreciado nesta etnocategoria.</p> <p>Místico: não encontrado.</p>

Discussão

Dentro das etnocategorias ornamentais e místicas, pode-se observar, por meio da Tabela 1, que foram catalogadas 28 espécies vegetais, das quais mais de 70% são ornamentais e cerca de 30% possui um simbolismo místico.

Petiveria alliacea, *Ruta graveolens*, *Hyptis cana* e *Senna occidentalis* enquadram-se apenas na etnocategoria mística, representando 14% das plantas registradas.

De acordo com Camargo (1988), a arruda (*Ruta graveolens*), planta originária da Europa e da Ásia, já era considerada mágica no século I da nossa Era, sendo seu cultivo comum nos claustros por seus atributos afrodisíacos. É rica em óleo essencial e rutina (WATT; BREYER-BRANDWIJK, 1962), possuindo, também, indicações medicinais.

Petiveria alliacea (guiné), originária da América Tropical, possui como princípios ativos, em toda a planta, sitosterol, nitrato de potássio e os ácidos palmítico e linoleico; nas folhas, fridelino, álcool lignocérico e lignocerato de lignocerila; nos frutos, pinitol; no caule, alantoína; por fim, na raiz, trissulfeto de dibenzila, glicose e glicina (SOUZA *et al.*, 1987).

Santos Filho (1947 *apud* CAMARGO, 1988) pondera que, no século XVII, a planta era conhecida como “Amansa-senhor” e, quando administrada às vítimas do quebranto, problema bastante comum à época, matava-as envenenadas. A propósito, o pó da raiz produz, inicialmente, estes efeitos: superexcitação, insônia, alucinações; depois, induz à indiferença e até à imbecilidade, seguida de amolecimento cerebral, mudez por paralisia da faringe, além de convulsões tetaniformes e morte após um ano ou mais de uso, conforme as doses (LE COINTE, 1947).

Dieffenbachia picta (comigo-ninguém-pode), outra planta de origem tropical, foi discutida em trabalhos que evidenciam a sua ação corrosiva e letal quando ingerida, devido aos cristais de oxalato de cálcio e a uma enzima proteolítica (WALTER; KHANNA, 1972). Por outro lado, Camargo (1988) faz referências à espécie como possuidora de propriedade anticoncepcional e abortiva.

O gênero *Dipteryx*, do qual uma espécie (*D. alata* Vogel) foi citada como planta ornamental e mística, foi objeto de estudos químicos e farmacológicos, sendo que o seu princípio ativo, a cumarina, apresentou alta atividade em testes de ação colerética,

colagoga, espasmolítica, hipoglicemiante, antidiurética, antiespermatogênica e carcinogênica (MATOS *et al.*, 1991; FONTAINE, 1967 *apud* SOUZA *et al.*, 1991).

Dessa forma, olhares múltiplos devem ser direcionados para os saberes de comunidades humanas, instaladas em diferentes ambientes, ribeirinhos ou não, e cujas manifestações são percebidas após um contato mais próximo com seus moradores e o estabelecimento de uma confiança mútua.

Conclusões

Com a análise dos resultados, pode-se inferir que as duas comunidades ribeirinhas estudadas - São Gonçalo Beira-Rio e Coxipó do Ouro - conferem um simbolismo religioso e de poder a determinadas espécies vegetais, cultivadas ora nos quintais ora no interior das moradias. Quando comparados os resultados com outros encontrados na literatura, observa-se que existe um paralelo entre as espécies registradas, especialmente com relação àquelas que possuem princípios ativos tóxicos ou que apresentam ação sobre o sistema nervoso central.

Verifica-se, ainda, que a maioria das plantas dotadas de simbolismo místico é reportada pelos informantes também como ornamentais. Sob o ponto de vista ecológico e cultural, isso se deve, possivelmente, ao fato de que as espécies apresentam são de fácil cultivo e de relativa beleza ou, numa perspectiva antropológica, infere-se que o misticismo está presente na cultura humana, manifestando-se de diversas maneiras.

Agradecimentos

A primeira autora agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão de bolsas que permitiram o desenvolvimento da pesquisa. Em especial, os autores agradecem às famílias residentes nas comunidades de São Gonçalo Beira-rio e Coxipó do Ouro, pela boa vontade com que sempre nos receberam e pelo fornecimento das informações que permitiram a realização deste trabalho.

Referências

ALEXIADES, M. **Selected guidelines for ethnobotanical research**: a field manual. New York: The New York Botanical Garden, 1996.

AMOROZO, M. C. Medicina tradicional em Santo Antônio do Leverger, MT - a permanência de práticas antigas - o papel dos benzedores e suas habilidades. **Revista Saúde e Ambiente**, Cuiabá, v. 2, n. 1-2, p. 48-66, 1999.

CAMARGO, M. T. L. de A. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros I**. São Paulo: Ed. Almed., 1988.

FONTAINE, L. Chimica therapeutica. In: SOUSA, M. P. M.; MATOS, F. J. de A.; MACHADO, M. I. L.; CRAVEIRO, A. A. **Constituintes químicos ativos de plantas brasileiras**. Fortaleza: EUFC, 1991.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUARIM NETO, G. **Plantas medicinais do Estado de Mato Grosso**. Brasília: ABEAS, 1996.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R. G. Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta bot. Bras.**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 561-584, 2003.

LE COINTE, P. **Amazônia Brasileira III**. Árvores e plantas úteis (indígenas e aclimatadas). São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1947.

MARTIN, G. J. **Ethnobotany: a methods manual**. London: Chapman & Hall, 1995.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá-Açu, MT, Brasil). **Acta bot. Bras.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.

POSEY, D. A. Etnobiologia: Teoria e prática. **Suma Etnológica Brasileira**, Petrópolis, v. 1, p. 15-25, 1987.

SANTOS, S. dos; GUARIM-NETO, G. Medicina tradicional praticada por benzedoras de Alta Floresta, Mato Grosso. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, ser. Ciências Humanas**, Belém, v. 1, n. 2, p. 27-50, 2005.

SANTOS-FILHO, L. História da Medicina no Brasil. In: CAMARGO, M. T. L. de A. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros I**. São Paulo: Ed. Almed., 1988.

SOUSA, M. P. M.; MATOS, F. J. de A.; MACHADO, M. I. L.; CRAVEIRO, A. A. **Constituintes químicos ativos de plantas brasileiras**. Fortaleza: EUFC, 1991.

SOUZA, J. R. D.; PEDERSOLI, A. J.; AFONSO, A. M. Guiné: erva medicinal ou tóxica. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 39, n. 7, p. 645 - 646, 1987.

WALTER, W.; KHANNA, P. Chemistry of the aroids I. **Dieffenbachia sanguinea e picta**. **Economic Botany**, New York, v. 26, p. 364 - 372, 1972.

WATT, J. M.; BREYER-BRANDWIJK, M. G. **The medicinal and poisons plants of south and eastern Africa**. Edinburg: E. & S. Livingstone, 1962.

XOLOCOTZI, E. H. **Exploracion Etnobotánica y su metodologia.** Chapingo, México: Escuela Nacional de Agricultura, 1971.